

O ENREDO DA VITÓRIA – SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL E IDENTIDADE NACIONAL (1950-1970)

André Mendes Capraro¹

Natasha Santos²

Riqueldi Straub Lise³

Universidade Federal do Paraná

Curitiba, Brasil

andrecapraro@onda.com.br

nata.shas@ig.com.br

ricklise@ig.com.br

Recebido em 12 de maio de 2012

Aprovado em 23 de julho de 2012

Resumo

O presente artigo objetiva tratar da concepção de identidade nacional, propagada pelo círculo de jornalistas influenciados por Gilberto Freyre, bem como identificar os fomentadores desse *enredo* que, baseado nas vitórias e derrotas da seleção brasileira de futebol, permanece até a atualidade. O fim da década de 1950 foi um momento não só de forte intervenção do Estado e de um aparato intelectual legitimando um ideário de *brasilidade*, como também de consolidação do futebol enquanto um esporte de massa, cuja maior expressão encontrou-se na “trágica” derrota do selecionado nacional na Copa de 1950 e nas vitórias em 58 e 62, contando com um anticlímax no Mundial de 66 e desfecho heroico na Copa de 70, situações narradas na crônica esportiva, sobretudo. Nesse sentido, tendo em vista a necessidade de recorrer ao uso da literatura como fonte histórica, contou-se com a análise de crônicas, pautada no referencial de Antonio Candido.

Palavras-chave: literatura; futebol; identidade nacional.

Abstract

¹ Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor adjunto na mesma universidade, atuando nos programas de Pós-Graduação (mestrado/doutorado) em História e em Educação Física. Pesquisador do Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade.

² Mestre em História pela Universidade Federal do Paraná e pesquisadora do Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade (UFPR).

³ Mestrando em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná e pesquisador do Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade (UFPR).

The Plot of Victory: Brazilian Football National Team and National Identity (1950-1970)

This paper focus on the conception of national identity, disseminated by journalists which were influenced by Gilberto Freyre, and it also aims to identify the developers of this plot, that was based on victories and defeats of the Brazilian football team and still remains nowadays. The final years of 1950's represented not only a strong state intervention and an intellectual apparatus legitimizing an idea about "Brazilianess", but also the consolidation of football as a mass sport, whose highest expression took place in the "tragic" defeat of Brazilian football team in the World Cup of 1950 and in the victories of 1958 and 1962, with an anticlimax in the 1966 Championship and the heroic outcome of 1970. These situations were narrated in the sports chronicle, specially. Accordingly to this, and knowing the need of using literature (sports chronicles) as a historical source, the analysis was based on the theory of Antonio Candido.

Key words: literature; football; national identity.

Introdução

Final da década de 1950. O futebol já se encontrava devidamente inscrito como elemento central da cultura brasileira, assumindo um papel de agente afirmador da identidade nacional. Era um momento não só de forte intervenção do Estado e de um aparato intelectual legitimando um ideário de *brasilidade*, como também de consolidação do futebol como um esporte de massa, cuja maior expressão encontrou-se na "trágica" derrota do selecionado nacional na Copa de 1950 e o desfecho (provisório que seja) nas vitórias em 1958 e 1962, contando com um anticlímax no Mundial de 1966 e desfecho heroico na Copa de 1970, como bem foi propagado pelo círculo de jornalistas influenciado pelo modelo explicativo formulado por Gilberto Freyre. Mas como foi construída essa concepção de identidade nacional? Quais os fomentadores deste *enredo*? Por que esse modelo identitário permanece até a atualidade?

Na tentativa de responder tais questões, tendo em vista a necessidade de recorrer ao uso da literatura como fonte histórica, contou-se com a análise de crônicas, pautada no referencial de Antonio Candido. Em síntese, parte-se da tese de que é com base na

intersecção de texto (autonomia do autor) e contexto, que o elemento social e histórico não deve ser considerado externamente à produção, mas como um aspecto *externo* que se torna *interno* à obra literária – daí a impossibilidade de se negar uma interpretação estética, já que esta assimila a dimensão histórica-social como “fator de arte” (CANDIDO ET AL, 1992; CANDIDO, 2000).

De Freyre aos irmãos Rodrigues – o futebol como referência da cultura brasileira

Ao que parece, após a formulação de sua tese central acerca da integração racial no Brasil (FREYRE, 1945, 1968, 1999) e o debate intelectual ocorrido nos anos 1930, Gilberto Freyre passou a usar do futebol como referência, nas décadas subsequentes. O esporte mais popular do Brasil servia para exemplificar e reforçar a dita *brasilidade* – a identidade nacional pautada na miscigenação –, tendo chegado ao ápice após as conquistas das Copas do Mundo de 1958 e 1962, consolidando definitivamente a formulação do ensaísta. Foram agentes/elementos fundamentais para a teoria de Gilberto Freyre: Garrincha, Pelé e, sobretudo, o livro *O Negro no Futebol Brasileiro* de Mario Rodrigues Filho (RODRIGUES FILHO, 1964, 2003).

Mesmo constatada que a finalidade da obra *O Negro no Futebol Brasileiro* poderia ser a de explicitamente atribuir grau de importância àqueles que permaneceram por décadas à margem da prática futebolística e/ou, implicitamente, aos ideais de nacionalidade e à necessidade intrínseca da formação de uma nova identidade (SOARES, 2004), apenas alguns anos após o lançamento da 1ª edição, ao final da Copa de 1950, os atletas negros seriam responsabilizados pela crônica esportiva como os grandes responsáveis pela derrota brasileira (MUYLAERT, 2000). Vale a ressalva de que essa ideia foi lançada por Mario Filho na 2ª edição (1964) e está longe de ser

consensual: em uma pesquisa pontual, mas com elevado significado, Santos e Capraro (2010) investigam tal afirmativa e, por amostragem, puderam concluir que essa crítica de cunho racista por parte da imprensa não se confirma. Contudo, mesmo que o início do enredo formulado por Mario Filho não seja corroborado por meio da investigação de fontes históricas, pode-se acreditar que o ideário de que a Europa era um exemplo de civilidade e que, no caso da Copa do Mundo, o Uruguai havia se sagrado vencedor porque estava mais avançado neste processo de apropriação dos valores culturais dos países mais civilizados fora incorporado.

Neste sentido, Mario Filho pode ser considerado um dos jornalistas de elevado reconhecimento no campo esportivo, tendo em vista que seus preceitos, pautados nas macroteoria freyreana, atingiram o público em tamanha dimensão que, ainda hoje, como será apontado na sequência, reverbera nos momentos de derrota do selecionado nacional. Embora, não haja como negar (CAPRARO, 2011) que muito do seu elevado *status* se deu pela admiração e pelo convívio com um círculo amplo de intelectuais: o próprio Freyre (que prefaciou a clássica obra), José Lins do Rego e, sobretudo, seu irmão Nelson Rodrigues, entre vários outros.

É provável que tal reconhecimento só tenha sido possível porque no período emergia a crônica especializada, consequência de um processo mais amplo – o de profissionalização do esporte (PRONI, 2000). Os atletas passam a ter direitos trabalhistas, os valores financeiros gerados pelo esporte direta ou indiretamente aumentaram substancialmente, e, o mais relevante para a presente pesquisa, surge na imprensa o cronista especializado no assunto futebol, com a finalidade de suprir a demanda consumista do ávido público adepto aos esportes.

Assim, a consolidação do esporte como forte elemento de lazer/consumo (PRONI, 1998) iniciou-se neste período contemporâneo ao jornalista Mario Filho e ao teatrólogo Nelson Rodrigues, pois, com o sentimento de pertencimento que a maioria da população brasileira demonstrava ter em relação a tal prática competitiva, a necessidade de mais informações tornava-se uma consequência inevitável. E é por meio desta procura por informações a respeito dos esportes que surgiram vários periódicos especializados – jornais, revistas, cadernos –, inclusive um dos mais populares, o *Jornal dos Sports*, de propriedade do próprio Mario Filho.

Apresenta-se, desta forma, um quadro referente à crônica em constante alteração, no qual as ideias de Gilberto Freyre acerca do homem brasileiro serviram de base para os primeiros cronistas esportivos. Era um dos poucos assuntos que figurava regularmente nas crônicas de Mario Filho e seria inevitável que Nelson Rodrigues, seu irmão mais novo, não atribuísse ao caso a mesma importância, com a sua peculiar característica literária, o exagero...

Amigos, vocês se lembram da vergonha de 50. Foi uma humilhação pior que a de Canudos. [...] não me venham dizer que o escrete é apenas um time. Não. Se uma equipe entra em campo com o nome do Brasil e tendo por fundo musical o hino pátrio – é como se fosse a pátria em calções e chuteiras, a dar botinadas e a receber botinadas. Pois bem. Depois da experiência bíblica de 50, passamos a rosar, por todas as esquinas e por todos os botecos do continente, o seguinte juízo final sobre nós: – “O brasileiro é bom de bola, mas frouxo como homem” (RODRIGUES, 1993, p. 103).⁴

O fracasso na final da Copa do Mundo de 1950 seria uma marca permanente na concepção de identidade nacional, ao menos aquele esboço apresentado em *O Negro no Futebol Brasileiro*, conseqüentemente, também nas crônicas dos irmãos Rodrigues. Embora houvesse sutis diferenças: o ressentimento de Nelson Rodrigues em relação ao

⁴ Originalmente: “O Divino Delinqüente”. O Globo, 18 nov. 1963.

evento foi o motivador para a criação da sua teoria do “complexo de vira-latas” em relação ao povo brasileiro (embora o mesmo viesse a admitir que tal complexo surgiu da própria imprensa incrédula); já Mario Filho não era tão veemente na associação entre o *escrete* e a nação como o seu irmão. Mario Filho usava mais comumente para definir o surpreendente insucesso, o termo “tremedeira”. A “tremedeira” também era generalizante, todavia, o jornalista, cuidadosamente, não a usava em relação ao povo, mas, para definir a personalidade dos atletas brasileiros.

Descobriu-se que o jogador brasileiro tremia em 54. Em 50 não se falou de tremedeira, falou-se em coisa pior. Chegou-se a dizer, com o exagero, aliás natural, da coro da derrota, que o jogador brasileiro era covarde. [...] Apesar disso, de vez em quando se estabelece uma grande confusão que precisa, o mais rapidamente possível, ser desfeita, para o bem de todos nós. Mistura-se 50 e 54 e tanto se diz que o jogador brasileiro treme como que é covarde (RODRIGUES FILHO, 1994, p. 198).⁵

Neste caso, a “invenção de uma tradição” (HOBSBAWM e RANGER, 1997) acerca da derrota de 1950, criada pelos irmãos Rodrigues, consistia em dois pontos distintos. O primeiro era a demarcação do início do enredo clássico: começa com uma dificuldade (a derrota vexatória em 1950) que, após muita dificuldade (a Copa de 1954), culminaria com a redenção no desfecho, com as seguidas vitórias nas Copas de 1958 e 1962 – sendo ainda possível estabelecer uma continuidade neste enredo com a derrota de 1966 e a derradeira vitória em 1970, quando o selecionado brasileiro ficaria definitivamente com a posse da taça *Jules Rimet* (nota-se que o simbolismo de tornar-se o detentor definitivo da taça serve também ao desfecho do enredo).

O segundo ponto seria uma espécie de alerta, usado sempre que o selecionado era derrotado ou estava na iminência de ser...

⁵ Originalmente: “O Grande Enigma”. *Jornal dos Sports*, 22 mar. 1958.

Quando acabou a irradiação da partida, eu me sentia derrotado da cabeça aos sapatos. [...] por toda parte, a gente esbarra, a gente tropeça em outros vencidos. E vou mais longe: – o empate de terça-feira deu-nos um pouco a horrenda sensação de 50. Eu me senti, psicologicamente, em 50 (RODRIGUES FILHO, 1994, p. 56).⁶

Mas se Mario Filho e Nelson Rodrigues demonstravam, antes da final de 1950, estar certos da vitória brasileira, outro cronista que compunha o mesmo círculo literário aparentava estar mais cético. Tratava-se de José Lins do Rego que, com cautela, escrevia:

Amanhã teremos outra etapa, a mais difícil, a mais dura. Teremos amanhã os homens de cabelo na venta, gente disposta a tudo e já experimentada em vitórias internacionais. Rapazes da seleção, aos orientais, que são os mais perigosos (REGO, 2002, p. 124).⁷

Mesmo prevenido da dificuldade do jogo, Zé Lins, após a partida, demonstrou estar chocado com a derrota, fazendo a associação, típica do amigo Nelson, entre o selecionado e o povo brasileiro...

E, de repente, chegou-me a decepção maior, a idéia fixa que se grudou na minha cabeça, a idéia de que éramos mesmo um povo sem sorte, um povo sem as grandes alegrias das vitórias, sempre perseguido pelo azar, pela mesquinha do destino (REGO, 2002, p. 125).⁸

Em outra crônica após a derrota, por exemplo, falava de certa “tristeza brasileira”, pautada nas ideias do historiador Paulo Prado que, em 1928, havia publicado a obra *Retrato do Brasil*. Mesmo assim, nesta crônica, Rego já encontrava pontos positivos – como a organização do evento, a construção do monumental Maracanã e a participação e engajamento do povo brasileiro na torcida pela seleção (HOLLANDA, 2004, p. 91-95). Com o passar dos anos, José Lins iria superar a derrota em 1950 e, assim, não

⁶ Originalmente: “A Juba Escanhoadá”. Manchete Esportiva, 14 mar. 1959. A partida era Brasil 2x2 Peru pelo Campeonato Sul-Americano, realizado na Argentina.

⁷ Originalmente: “Agora, os mais duros”. Jornal dos Sports, 15 jul. 1950.

⁸ Originalmente: “A Derrota”. Jornal dos Sports, 18 jun. 1950.

reforçaria a “tradição” do trauma, tão acentuada pelos irmãos Rodrigues e fundamental para consolidação do enredo de superação.

Dentre as formulações expostas pelo pequeno grupo de cronistas que se destacaram no campo jornalístico brasileiro, especialmente no Rio de Janeiro, a maioria partiu de Mario Filho – sempre pautado em Gilberto Freyre. Porém, a mais aceita e reconhecida não foi formulada pelo proprietário do *Jornal dos Sports*, mas sim, por seu irmão Nelson, que contou também com o apoio de outros cronistas e jornalistas que pertenciam ao grupo de admiradores de Mario Filho.

De tanto enaltecer o irmão, com mais contundência após a sua morte, Nelson criaria uma “tradição” envolvendo o próprio Mario Filho que, segundo ele, seria o inventor da crônica esportiva moderna.

Até que, um dia, Mario Filho apareceu. Pode-se datar o nascimento da crônica esportiva. Foi quando ele publicou uma imensa entrevista com Marcos de Mendonça. O famoso goleiro anunciava sua volta. O patético, porém, não era o fato em si, mas a sua escandalosa valorização jornalística. A matéria inundava um espaço jamais concedido ao futebol – meia página! Era a época em que o esporte vivia empurrado, escorraçado para um canto da página. O melhor jogo do mundo não merecia mais de três linhas.

[...] A entrevista de Marcos foi para nós, do esporte, uma Semana de Arte Moderna. Em meia página, Mario Filho profanou o bom gosto vigente até em jornal de modinhas. Ao mesmo tempo, fundava a nossa língua. E não foi só: – havia também no seu texto uma visão inesperada do futebol e do craque, um tratamento lírico, dramático e humorístico que ninguém usara antes. Criara-se uma distância espectral entre o futebol e o torcedor. Mario Filho tornou o leitor íntimo do fato. E, em reportagens seguintes, iria enriquecer o vocabulário da crônica com uma gíria libérrima.

[...] E graças a Mario Filho, o futebol invadiu o recinto sagrado da primeira página. Pouco antes, só o assassinato do rei de Portugal merecia uma manchete. E, súbito, o grande jogo começou a aparecer, no alto da página, em oito colunas frenéticas.

[...]. E, com isso, o diretor, o secretário e o gerente descobriam o futebol e o respectivo profissional. O cronista esportivo deixava de ser o pai da Sônia do *Crime e castigo*. Começou até a mudar fisicamente. Por outro lado, seus ternos e gravatas acompanhavam a fulminante ascensão social e econômica.

[...] Mas eu não vou contar tudo o que ele fez, porque esse homem não parou nunca. Com seu formidável élan promocional, trouxe para o futebol novas massas.

O leitor, simples ou mal informado, pode perguntar: – “Mario Filho fez tudo?”. Eis a casta e singela verdade: – fez tudo, sim, e repito: – tudo. Por sorte de parentesco, fui testemunha ocular e auditiva dessa obra colossal (RODRIGUES, 1994, p. 8-10).

Faz-se o uso da citação longa, tendo em vista a preservação da estética literária, a qual contribui para a percepção de um recurso bastante comum nas crônicas rodrigueanas – a repetição. No caso do excerto supracitado, Rodrigues insiste em uma série de argumentos no sentido de demonstrar a importância do irmão, Mario Filho, para o desenvolvimento (quijá “criação”) do jornalismo esportivo.

Com a típica e incansável repetição, Nelson fez com que o engajado Mario Filho fosse reconhecido como o fundador de um novo modelo de jornalismo esportivo (CAPRARO, 2011). Principalmente após a morte do irmão, o teatrólogo exalta os feitos de Mario, segundo ele, o maior cronista esportivo de todos os tempos – “Quem devia escrever a história do tricampeonato era Mario Filho. Só ele teria a visão homérica do maior feito do futebol brasileiro e mundial” (RODRIGUES, 1994, p. 158). Nelson contou com a colaboração de Armando Nogueira e até mesmo de Gilberto Freyre, entre vários outros jornalistas esportivos, para enaltecer o caráter de Mario Filho. E a reincidência destes textos valorizando o jornalista iria culminar com uma homenagem póstuma, a (re)nomeação do estádio *Maracanã*, que passou então a se chamar oficialmente Estádio Municipal Mario Filho. Assim, o jornalista Mario Filho passa a ser um dos principais protagonistas deste enredo que culmina com a ascensão do futebol brasileiro. Mas as crônicas de Nelson Rodrigues, mesmo coadunadas à concepção do “enredo da vitória”, guardariam suas especificidades, principalmente em se tratando do ideário do que seria o homem brasileiro.

O “complexo de vira-latas”

O cenário futebolístico expresso nas inúmeras crônicas de Nelson Rodrigues é, ao mesmo tempo, complexo e teatral. O selecionado nacional tinha um valor identitário elevado, tanto é que a reincidência sobre esta temática computa parcela significativa das crônicas do autor de *Toda Nudez Será Castigada*. Vitórias significavam progresso e felicidade, derrotas retrocessos e tristeza, em algumas circunstâncias, até traumas – como a derrota na Copa de 1950, fato consensual.

Embora Nelson fosse o principal artífice do “enredo da vitória”, já que vivenciou a conquista de três mundiais (1958, 1962 e 1970) e inúmeros outros títulos, era inevitável que contrastasse muito o seu posicionamento sobre o selecionado (e, logicamente, sobre o povo brasileiro), pois também ocorreram várias derrotas (TOLEDO, 2002, p. 163-164) – “[...] o jogador brasileiro é sempre um pobre ser em crise. [...] Quem ganha a e perde as partidas é a alma. Foi a nossa alma que ruiu face à Hungria, foi a nossa alma que ruiu face ao Uruguai” (RODRIGUES, 1993, p. 26)⁹.

Para o escritor, as derrotas eram um sintoma nacional. Era da índole do povo se fragilizar, não vislumbrando a possibilidade promissora de crescimento (RODRIGUES, 1993, 1994, 2002, 2007). Na reflexão do próprio autor:

O brasileiro gosta muito de ignorar as próprias virtudes e exaltar as próprias deficiências, numa inversão do chamado ufanismo. Sim, amigos: – somos uns Narcisos às avessas, que cospem na própria imagem. Mas certas vitórias merecem um total respeito (RODRIGUES, 1993, p. 30).¹⁰

Visando demonstrar a responsabilidade do povo brasileiro nas derrotas do selecionado (ou de qualquer clube nacional contra estrangeiros), Nelson desenvolveu

⁹ Originalmente: “A Pátria em Chuteiras”. Manchete Esportiva, 07 abr. 1956.

¹⁰ Originalmente: “Irresistível Flamengo”. Manchete Esportiva, 26 jan. 1957.

uma teoria pautada no comportamento dos atletas locais, afinal, estes também eram parte do povo. Esta teoria seria batizada de o *complexo de vira-latas*.

As primeiras formulações sobre este conceito foram remotas. Surgiram derivadas de um tema comum nas crônicas de Nelson: a humildade do povo brasileiro – condição que o cronista fazia questão de rechaçar e era motivo de constante reflexão.

Eu me lembro daquele personagem do Dickens que vivia clamando pelas esquinas: – “Eu sou Humilde!” Eu sou humilde! Eu sou o mais humilde do mundo!” [...].

Pois bem: – o brasileiro tem um pouco de personagem de Dickens. Eu disse “um pouco” e já amplio: - tem muito. Se examinarmos a nossa história individual e coletiva, esbarramos, a cada passo, com exemplos inequívocos e indelévels de humildade. Por exemplo: - a recentíssima jornada do escrete brasileiro em canchas européias. Foi algo patético. [...] De qualquer maneira, não se podia desejar uma humildade mais compacta e mais refalsada.

[...] E, assim, imersos até o pescoço numa vil modéstia lá partiram os nossos craques para aprender na Europa. Mas já não constituíram uma equipe briosa, entusiasta, segura de si mesma e dos próprios méritos. [...].

Ou expulsamos de nós a alma da derrota ou nem vale a pena competir mais. Com uma humildade assim abjeta, ninguém consegue nem atravessar a rua, sob pena de ser atropelado por uma carrocinha de Chica-bom (RODRIGUES, 1994, p. 17-18).¹¹

Mas a formulação final acerca desse complexo componente essencial da identidade nacional ocorreu pouco antes da realização da Copa do Mundo da Suécia, em 1958. O evento tornou-se um limiar, pois é o início da reversão da dificuldade iniciada em 1950. O “enredo” apontava, então, para um desfecho de superação.

Mesmo depois da surpreendente derrota na Copa de 1950 – pois o próprio país sediou o evento e também era o favorito, tendo em vista a campanha realizada ao longo do Campeonato¹², bem como o fato de que as principais seleções não compareceram, pelo desgaste da Segunda Guerra Mundial (NOGUEIRA, SOARES e MUYLAERT,

¹¹ Originalmente: “Abaixo a Humildade!”. Manchete Esportiva, 19 mai. 1956.

¹² Até a final contra o Uruguai, os resultados dos jogos da seleção brasileira foram: Brasil 4x0 México, Brasil 2x2 Suíça, Brasil 2x0 Iugoslávia, Brasil 7x1 Suécia, Brasil 6x1 Espanha.

1994; PERDIGÃO, 2000; UNZELTE, 2002, p. 123-126) – e da participação com pouco destaque na Copa do Mundo da Suíça, em 1954 (HEIZER, 1997, p. 103-118; NOGUEIRA, SOARES e MUYLAERT, 1994), o teatrólogo era um ufanista em se tratando da atuação do selecionado nacional no torneio. O que extrapolava os períodos de Copa do Mundo, pois indiferente ao grau de dificuldade das partidas e torneios, Nelson Rodrigues acreditava na vitória e defendia a seleção do Brasil. Assim, mesmo considerando que o brasileiro (representado no caso das Copas pelo atleta) era um despreparado psicologicamente para a vitória – análise feita a partir das participações nas Copas anteriores –, ainda acreditava que a partir de 1958, com o apoio do torcedor, o *escrete* poderia voltar vitorioso, contrariando a maioria da imprensa, bastante cética na ocasião. Era apenas o caso de acreditar e ter confiança – “[...] Com Pelé no time e outros como ele, ninguém irá para a Suécia com a alma dos vira-latas. Os outros é que tremerão diante de nós”¹³. Lançado o termo neste contexto, então carecia explicitar o que vinha a ser “vira-lata”, tendo ainda como referência à participação brasileira no torneio que estava às vésperas.

A pura, a santa verdade é a seguinte: – qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: – temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de “complexo de vira-latas”. Estou a imaginar o espanto do leitor: – “O que vêm a ser isso?”. Eu explico.

Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: – e perdemos da maneira mais abjeta. Por um

¹³ Originalmente: “A Realeza de Pelé”. Manchete Esportiva, 08 mar. 1958.

motivo muito simples: - porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos (RODRIGUES, 1993, p. 52)¹⁴.

Com a vitória do Mundial de 1958, o *complexo de vira-latas* do brasileiro tinha sido aparentemente resolvido. Logo após o findar do torneio, em uma crônica intitulada *É Chato Ser Brasileiro!*, afirmava o incansável Nelson:

Já ninguém tem mais vergonha de sua condição nacional. [...] O povo não se julga mais um vira-latas. Sim, amigos: – o brasileiro tem de si mesmo uma nova imagem. E já se vê na generosa totalidade de suas imensas virtudes pessoais e humanas (RODRIGUES, 1993, p. 60-61).¹⁵

Mas, mesmo com as vitórias consecutivas nos Mundiais de 1958 e 1962, tal *complexo*, que segundo Nelson Rodrigues era a única explicação para que o Brasil fosse derrotado, figurava de forma obsessiva nas suas crônicas, sempre que achava necessário lembrá-lo. Algumas vezes como uma relembração, uma memória de uma época remota que o cronista não acreditava (ou não queria acreditar) que poderia voltar. Um exemplo ocorreu um ano depois da conquista do primeiro Mundial, quando Nelson achou que o povo estava esquecendo os “heróis” do título.

Mas é que o brasileiro não é disso. Sim amigos: – o brasileiro reage ao bem que lhe fazem com uma gratidão amarga e quase ressentida. Que fez o escrete? Deu-nos a maior alegria de nossa vida. Tornou qualquer vira-lata em campeão do mundo. Mas a nossa gratidão logo secou como uma bica da Zona Sul. Tratamos de esquecer a jornada estupenda.

Mas eu vos digo: – “esquecer” não é bem o termo. Ou por outra: – o brasileiro pode “esquecer” da boca para fora. Mas na verdade um Pelé é inesquecível. Insisto: - apesar de toda a nossa ingratidão, Pelé é imortal. E por isso, porque ninguém pode enxotá-lo da nossa memória, eu promovo a meu personagem do ano (RODRIGUES, 1994, p. 54-55).¹⁶

¹⁴ Originalmente: “Complexo de Vira-Latas”. Manchete Esportiva, 21 mai. 1958.

¹⁵ Originalmente: “É Chato Ser Brasileiro!”. Manchete Esportiva, 12 jul. 1958.

¹⁶ Originalmente: “Meu Personagem do Ano”. Manchete Esportiva – Edição Especial, Jan. 1959.

Em outras oportunidades, quando ocorria uma derrota significativa, Nelson afirmava que o *complexo* havia ressurgido, e isto causava indignação no cronista, já que, após as vitórias consecutivas em 1958 e 1962, dizia acreditar que tal problema já estivesse sanado. Desta forma, devido à convicção otimista do escritor, a derrota na Copa do Mundo da Inglaterra em 1966 foi um choque. E esta decepção não poderia deixar de ser manifesta em suas crônicas, pois, como dramaticamente exposto,

As grandes humilhações nacionais são temas permanentes e obsessivos. Assim como não esquecemos Canudos, nem esquecemos 50, assim continuamos atrelados à vergonha de 66. Daqui a duzentos anos, a derrota ainda será uma ferida a chorar sangue, e repito: – sangue vivo e perene (RODRIGUES, 1994, p. 135).¹⁷

Não suportando a derrota, Rodrigues (1993, 1994) tenta justificar a decepcionante participação brasileira em 1966 afirmando que, deliberadamente, os sul-americanos foram prejudicados pela arbitragem para que dois selecionados europeus pudessem chegar à final. Mesmo de forma despropositada, devido a sua acentuada influência no público leitor e na própria imprensa esportiva, Nelson acabaria formulando uma história acerca deste torneio, a de que ele foi controlado com a finalidade de acabar com a hegemonia das seleções sul-americanas¹⁸. Mas, mesmo a contragosto, após acentuar o “auxílio” das entidades futebolísticas aos europeus, Nelson assumiria que a derrota havia sido desastrosa: o *complexo de vira-latas* tinha voltado a predominar no Brasil. Nesse sentido, para Rodrigues, a superação do complexo de vira-latas não é permanente, pois na derrota ele reaparece entre os brasileiros como uma máxima que justificaria o fracasso.

¹⁷ Originalmente: “A Copa dos Piratas”. O Globo, 12 out. 1966.

¹⁸ Ver, por exemplo, as seguintes obras que, pautadas em Nelson Rodrigues, reforçam esta tese: Fontenele (2002), Heizer (1997), Prado (1998).

Amigos, eu sempre digo que, antes de 58 e de 62, o Brasil era um vira-lata entre as nações, e o brasileiro um vira-lata entre os homens. [...].

Estávamos esquecidos, sim, estávamos desmemoriados do nosso subdesenvolvimento. E, súbito, vem a frustração hedionda do tri. Ontem mesmo, eu vim para a cidade, no ônibus, com um confrade. Súbito, constato o seguinte: – o colega babava na gravata. E o pior é que não havia, ali, à mão, um guardanapo. Eu ia adverti-lo, quando descobri que todos, no coletivo, faziam o mesmo. Percebi tudo: – perdida a Copa, deu no povo essa efervescente salivação. Repito: – pende do nosso lábio a baba elástica e bovina do subdesenvolvimento. E o Otto Lara Resende bate o telefone para mim. Ante do bom-dia, disse-me ele: – “Voltamos a ser vira-latas” (RODRIGUES, 1994, p. 122).¹⁹

Um enredo literário para as vitórias do *escrete*

Mas, se o brasileiro era um povo legítimo e vitorioso, só que em alguns momentos tinha lapsos de *vira-latismo*, nota-se que Nelson tinha que necessariamente eleger uma referência do que o brasileiro não era. Assim, elegeu o europeu como extremo oposto ao brasileiro, possivelmente por ser o continente no qual se encontravam os principais adversários no futebol e por ser a referência, sob a égide da civilidade (PESAVENTO, 2002), que predominou nas primeiras décadas do século XX.

O cronista discordava, desta forma, veementemente do posicionamento que, para ele, era típico do povo brasileiro: venerar o estrangeiro como modelo ideal. E, no caso do futebol, sobretudo os ingleses, pois estes eram os criadores da modalidade. Criticava, então: “Por aí se vê que admiramos mais os defeitos ingleses do que as virtudes brasileiras” (RODRIGUES, 1993, p. 165)²⁰. Nelson Rodrigues não acreditava na superioridade europeia pregada por muitos analistas do esporte. Acreditando no modelo de Gilberto Freyre, entendia que o futebol havia se *abrasileirado*, ou seja, com as características do homem brasileiro – a ginga, a malandragem, o drible –, únicas no cenário mundial, o selecionado era inigualável.

¹⁹ Originalmente: “Voltamos a Ser Vira-Latas”. O Globo, 26 jul. 1966.

²⁰ Originalmente: “O Belo Milagre das Vaias”. O Globo, 01 mai. 1970.

Nesse sentido, como contraponto superior ao forte e condicionado povo europeu, emergia o ousado e mandrião povo brasileiro, fato comprovado por meio da comparação entre os jogadores de futebol dos dois continentes. Garrincha era um dos exemplos mais usados por Nelson. Em uma destas menções, o cronista – aproximando muito o conhecido atleta brasileiro do estereótipo de *Macunaíma*, o herói sem caráter de Mario de Andrade (1993) – relatava com certo desdém ao europeu: “[...] De um lado, uns quatro ou cinco europeus, de pele rósea como nádega de anjo: de outro lado, feio e torto, o Mané” (RODRIGUES, 1994, p. 79)²¹.

Assim, o autor de *Perdoa-me Por Me Traíres* formulava uma teoria pautada no que é definido por Norbert Elias (1994, p. 184-190) como *identidade-nós*: o brasileiro conseguia no futebol uma autonomia inalcançável, incorporando, desta maneira, uma prática de índole civilizatória tipicamente inglesa, transformando-a de tal forma que o próprio europeu não conseguiu mais reproduzi-la, muito menos superá-la. Na mesma crônica publicada pouco antes da realização da Copa do Mundo de 1962, o literato refletia...

Após quatro anos de meditação sobre o nosso futebol, o europeu [...] vinha certo da vitória. Havia, porém, em todos os seus cálculos, um equívoco pequenino e fatal. De fato, ele viria a apurar que o forte do Brasil não é tanto o futebol, mas o homem. Jogado por outro homem o mesmíssimo futebol seria o desastre. Eis o patético da questão: – a Europa podia imitar o nosso jogo e nunca a nossa qualidade humana (RODRIGUES, 1994, p. 79).

Após a superação do *complexo de vira-latas*, em 1962, Nelson Rodrigues traz em suas crônicas outra característica inerente ao jogador/homem brasileiro – a coragem. O atleta brasileiro, principalmente durante o período em que o Brasil ganhou as primeiras Copas do Mundo, era um valente já ao nascimento. E através da valentia, adquiria

²¹ Originalmente: “O Escrete de Loucos”. Fatos & Fotos – Edição Especial, jun. 1962.

também valores como ética, moral e cidadania. Um exemplo típico era o jogador Vavá – centroavante que atuou durante a Copa da Suécia e que, segundo Nelson, dava as mais categóricas provas objetivas de que o brasileiro assumia um novo papel no contexto mundial. Sempre de forma otimista, passional e, principalmente, dramática, é narrada a perseverança do atacante durante um jogo decisivo contra o selecionado francês.

E como foi empolgante o coração de Vavá! Há quem diga, inclusive patricios nosso: – “O Brasil não tem caráter! O Brasil não tem moral!”. Mas olhem Vavá. Não tem medo de ninguém, medo de nada. Se for preciso, ele dará a cara para o inimigo chutar. É, mal comparando, um Tartarin desgrenhado, que pegasse, à unha, leões de verdade. Ontem, machucou-se, e por quê? Porque entregou a canela para o inimigo fraturar. Foi a canela, como poderia ter sido a base do crânio. Sabe-se que os franceses, furiosos com o deslumbrante baile do Brasil, baixaram o sarrafo. Caçado a pontapés, na área e fora, perseguido quase a pauladas, eis que Vavá sobrevive ao massacre. Ele e os companheiros. Ora, é desse peito largo e inexpugnável que o escrete brasileiro sempre precisou.

Amigos, não tenham dúvidas: este escrete não é apenas o maior do certame. Digo “o maior”, independente do resultado final. É, também, o escrete da coragem. E creiam que Vavá, com a sua bravura louca, traduz, como eu já disse, um perfeito, um empolgante símbolo dessa coragem e desse escrete (RODRIGUES, 1994, p. 45).²²

Mas, dentre os atletas brasileiros, aquele que Nelson mais gostava de usar como exemplo de desenvolvimento do país era Pelé. O jogador tornara-se presença constante nos textos de Nelson Rodrigues, pois suas características se enquadravam precisamente nas formulações dramáticas e teóricas do escritor – a reprodução da tese de Freyre/Mario Filho acerca da *brasilidade*. Além disso, a prematuridade do atleta (havia vencido o Mundial de 1958 com apenas dezessete anos de idade e o seu segundo, em 1962, com vinte e um) servia para reforçar a promissora perspectiva do selecionado/país. Sobre este atleta, afirmava Nelson, sem conter a admiração, logo após a conquista do Mundial da Suécia:

²² Originalmente: “O Escrete da Coragem”. Manchete Esportiva, 28 jun. 1958.

[...] Pelé, um menor total, irremediável, que nem pode assistir a filme de Brigitte Bardot. Ao receber o ordenado, o bicho, o pai que tem que representá-lo. Pois bem: Pelé assombrou o mundo. Não se limitou a fazer gols. Tratava de enfeitá-los, de lustrá-los. Sim, poderia ser Pelé o homem desta página (RODRIGUES, 1993, p. 58).²³

Embora Pelé tenha se contundido durante a Copa de 1966, na dramatização do futebol criada por Nelson, isto ocorreu devido ao “complô” europeu para prejudicar os países sul-americanos, portanto, um releve acidente histórico no projeto de afirmação do homem brasileiro através do futebol (ANTUNES, 2004, p. 232-258). Por outro lado, mesmo racionalizando a derrota, considerando-a um percalço, Nelson Rodrigues manifestou literariamente certo ressentimento. Este sentimento de mágoa era tratado com sarcasmo, pois acreditava que os brasileiros demonstraram passividade ao aceitar facilmente a estratégia escusa dos europeus.

Amigos, o mínimo que se pode esperar do subdesenvolvido é o protesto. Ele tem de espernear, tem de subir pelas paredes, tem de se pendurar no lustre. Sua dignidade depende de sua indignação. Ou ele, na sua ira, dá arrancos de cachorro atropelado, ou temos de chorar pela sua alma.

[...] Eu vi que a tragédia do subdesenvolvimento não é só a miséria ou a fome, ou as criancinhas apodrecendo. Não. Talvez seja um certo comportamento espiritual. O sujeito é roubado, ofendido, humilhado e não reconhece o direito de ser vítima.

[...] Oh, meu Deus do céu! Virgem Santíssima! Nós já somos um povo que não faz outra coisa senão perder! Olhem a nossa cara. Reparem: – é a cara da derrota. Afinal de contas, o que é o subdesenvolvimento se não a derrota cotidiana, a humilhação de cada dia e de cada hora? E é uma ignomínia que venha alguém dizer a esse povo desesperado: “– Vá perdendo! Continue perdendo! Aprenda a perder!” (RODRIGUES, 1994, p. 126-127).²⁴

Mesmo ressentido, Nelson manteve o otimismo em relação ao selecionado nacional nos anos que sucederam a derrota de 1966. Boa parte da imprensa – inclusive em *O Globo*, periódico no qual o próprio Nelson Rodrigues trabalhava –, diagnosticava

²³ Originalmente: “O Triunfo do Homem”. Manchete Esportiva, 05 jul. 1958.

²⁴ Originalmente: “A Cara da Derrota”. *O Globo*, 03 ago. 1966.

que o futebol brasileiro havia entrado em decadência e que o conjunto de força, resistência e obediência técnica do europeu superou o modelo latino – criativo e desregrado. Por exemplo, após o retorno do selecionado nacional, era noticiado pelo *Correio da Manhã*:

Zezé Moreira [...], após voltar da Europa, alertou seus jogadores para a necessária assimilação das características que imperaram no treinamento e jogos de seleções da Copa do Mundo: força, resistência e rapidez. Disse o técnico [...] que o futebol evoluiu em toda parte, enquanto o do Brasil ficou no 4-2-4, com muita lentidão.²⁵

Porém, o autor de *Viúva, Porém Honesta* discordava.

Os lorpas, os pascácios, poderão lembrar, por exemplo, Alemanha X Itália. Vejamos. Não sei se vocês repararam que o futebol alemão é profundamente ridículo. Eis a palavra: – ridículo. Só a nossa crônica, ou parte dela, ainda não percebeu o óbvio. Mas aquelas correrias irracionais são o antifutebol. Em suma: – a partida Alemanha X Itália teve um baixo nível (RODRIGUES, 2002, p. 165).²⁶

Neste contexto, Pelé, a referência de 1958 e 1962, passou a ser um jogador retrógrado, embora ainda tivesse pouco mais de vinte e cinco anos (AQUINO, 2002, p. 86-89). Recorrendo ao sarcasmo em relação à valorização do estrangeiro, em detrimento ao subdesenvolvimento brasileiro, Nelson justifica a posição dos pessimistas a respeito do desempenho da seleção de futebol. Assim, dialogava em sua crônica:

Perguntará o leitor, em sua espessa ingenuidade: – “O brasileiro não gosta do brasileiro?”. Exatamente: – O brasileiro não gosta do brasileiro. Ou por outra: – o subdesenvolvido não gosta do subdesenvolvido. Não temos sotaque, eis o mal, não temos sotaque (RODRIGUES, 1993, p. 166).²⁷

²⁵ “Zezé adota ritmo europeu no Vasco”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, Caderno II, 27 jul. 1966, p. 1.

²⁶ Originalmente: “Velocidade Burra”. *O Globo*, 19 dez. 1970.

²⁷ Originalmente: “O Belo Milagre das Vaias”. *O Globo*, 01 mai. 1970.

O Fim... 1970 e a seleção que encanta

Pouco antes da Copa do México (1970), Nelson era um dos poucos cronistas otimistas em relação ao *escrete* brasileiro e, conseqüentemente, em relação ao desempenho de Pelé. Afirmava, pois, pouco antes do embarque do selecionado rumo ao México: “Vou ao aeroporto dizer aos nossos jogadores – “Vocês já são campeões do mundo” (RODRIGUES, 1993, p. 168)²⁸. Com a conquista do Mundial, as crônicas de Nelson passaram a ter um tom quase profético, já que ele era um dos poucos, quem sabe o único, a acreditar na vitória (ANTUNES, 2004, p. 258-273). E assim, o teatrólogo pode retomar suas ideias sobre a identidade brasileira estabelecida a partir do futebol, contrapondo o estilo do jogo e a característica dos atletas brasileiros ao modelo europeu.

Esta cidade enlouqueceu!. E, realmente, ficamos loucos. As pessoas se olhavam na rua e diziam umas para outras: – “Somos brasileiros!”. Ruiu, por terra, a sinistra impostura do futebol europeu. Sempre disse que seus jogadores têm uma saúde de vaca premiada. Já começo a achar que até nisso levamos vantagem; que a saúde de vaca premiada temos nós (RODRIGUES, 1993, p. 170).

Após a vitória, Nelson iria insistentemente, por meses, discorrer em suas crônicas sobre o mesmo assunto: a vitória do selecionado brasileiro, que havia definitivamente superado os europeus – “Há pouco tempo brasileiro tinha uma certa vergonha de ser brasileiro. [...]. Agora acontece esta coisa espantosa: – todo mundo quer ser brasileiro ” (RODRIGUES, 1993, p. 190)²⁹. Em outro trecho de crônica, com o seu típico exagero dramático, afirmava:

Desde o Paraíso, jamais houve um futebol como o nosso. Vocês se lembram do que os nossos “entendidos” diziam dos craques europeus. Ao passo que nós éramos quase uns pernas-de-pau, quase uns cabeças-de-bagre. Se Napoleão tivesse sofrido as vaias que flagelaram o *escrete*, não ganharia nem batalhas de soldadinhos de chumbo (RODRIGUES, 1993, p. 191).³⁰

²⁸ Originalmente: “Momentos de Eternidade”. O Globo, 04 jul. 1970.

²⁹ Originalmente: “O Mais Belo Futebol da Terra”. O Globo, 20 jun. 1970.

³⁰ Originalmente: “Dragões de Espora e Penacho”. O Globo, 22 jun. 1970.

Novamente, assim, com a elevada condição de quem havia previsto – diga-se de passagem, contrariando a expectativa de parte significativa da imprensa nacional – a vitória do selecionado brasileiro na Copa do Mundo do México, Nelson Rodrigues enaltece o povo brasileiro. Aquele que, segundo o renomado cronista, sofrera todas as provações: a excessiva humildade, a ideia recorrente de que o europeu era superior aos latino-americanos, o desdém ao seu estilo próprio de jogar o futebol e, sobretudo, a falta de confiança em si mesmo.

Seria este o fim de um enredo que foi (re)escrito a partir das derrotas dos Mundiais da Alemanha (1974) e Argentina (1978) com mais um (surpreendente) desfecho na Copa do Mundo da Espanha (1982)... Mas esta é outra história.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Mário. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1993.

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. “*Com brasileiro não há quem possa*”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Unesp, 2004.

AQUINO, Rubim Santos Leão. *Futebol, uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Quatro, 2000.

CANDIDO, Antonio et al. *A crônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

CAPRARO, André Mendes. Mario Filho e a invenção do jornalismo esportivo profissional. *Movimento*, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 213-224, 2011.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FONTENELE, Airton. *O Brasil em todas as copas*. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2002.

FREYRE, Gilberto. *Sociologia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mocambos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

HEIZER, Teixeira. *O jogo bruto das copas do mundo*. Rio de Janeiro: Mauad, 1997.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. *O Descobrimento do futebol – modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2004.

MUYLAERT, Roberto. *Barbosa – um gol faz cinquenta anos*. São Paulo: RCM Comunicação, 2000.

NOGUEIRA, Armando; SOARES, Jô; MUYLAERT, Roberto. *A Copa que ninguém viu e a que não queremos lembrar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

PERDIGÃO, Paulo. *Anatomia de uma derrota – 16 Julho de 1950 – Brasil X Uruguai*. Porto Alegre: L&PM, 2000.

PESAVENTO, Sandra. *O imaginário da cidade – visões literárias do Urbano*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

PRADO, Flávio. *O arquivo secreto das copas 1930/1954*. São Paulo: Publisher Brasil, 1998.

PRONI, Marcelo. *Esporte-espetáculo e futebol-empresa*. 1998. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1998.

PRONI, Marcelo. *A metamorfose do futebol*. Campinas: Unicamp, 2000.

RODRIGUES, Nelson. *À sobra das chuteiras imortais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RODRIGUES, Nelson. *A pátria em chuteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

RODRIGUES, Nelson. *O profeta tricolor – cem anos de Fluminense*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

RODRIGUES, Nelson. *O berro impresso das manchetes: crônicas completas da Manchete Esportiva (55-59)*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

SANTOS, Natasha; CAPRARO, André Mendes. Racismo e a derrota que não foi esquecida: uma análise dos discursos de Mário Filho na obra “O Negro no Futebol Brasileiro” e da imprensa escrita acerca da final da Copa do Mundo de 1950. *Movimento*, v. 16, n. 4, p. 191-208, 2010.

SOARES, Antonio Jorge. “Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre” In: ALABARCES, Pablo. *Futbologias: fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Buenos Aires: Clacso, 2003. Disponível em <<http://168.96.200.17/ar/libros/alabarces/PII-Soares.pdf>>. Acesso em 07 mar. 2012.

TOLEDO, Luiz Henrique. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec / Fapesp, 2002.

UNZELTE, Celso. *O livro de ouro do futebol*. São Paulo: Ediouro, 2002.